

1768-1836

Arcadismo



Arcadismo

Contexto histórico:

**1a. Revolução
Industrial**

Iluminismo

Enciclopedismo

**Valorização
da ciência**

Europa: intenso racionalismo



Arcadismo

Contexto histórico:



Ciclo do ouro (MG)

Surgimento de um sistema literário brasileiro

Brasil

Arcadismo

Características:



Mímesis (imitação):

- Dos clássicos (mitologia);
- Da natureza (racionalismo).



Fugere urbem

(fugir das cidades).

Arcadismo

Características:



Locus amoenus

(lugar ameno):

Bucolismo e pastoralismo.



Aurea mediocritas

(mediania de ouro).



Arcadismo

Características:



Carpe diem

(gozar o dia presente).



Inutilia trunecat

(cortar o inútil).

Arcadismo

Características:

Predomínio da ordem direta da frase

SVO

Sujeito → Verbo → Objeto



The background of the slide is a classical painting depicting a forest scene. In the foreground, three figures are visible: a woman on the left, a man in the center, and another woman on the right. They appear to be engaged in a conversation or a performance. The background is filled with dense, lush green trees and foliage, creating a sense of a deep, sun-dappled forest. The overall style is characteristic of 18th-century European painting.

Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

**Poesia
satírico-política**

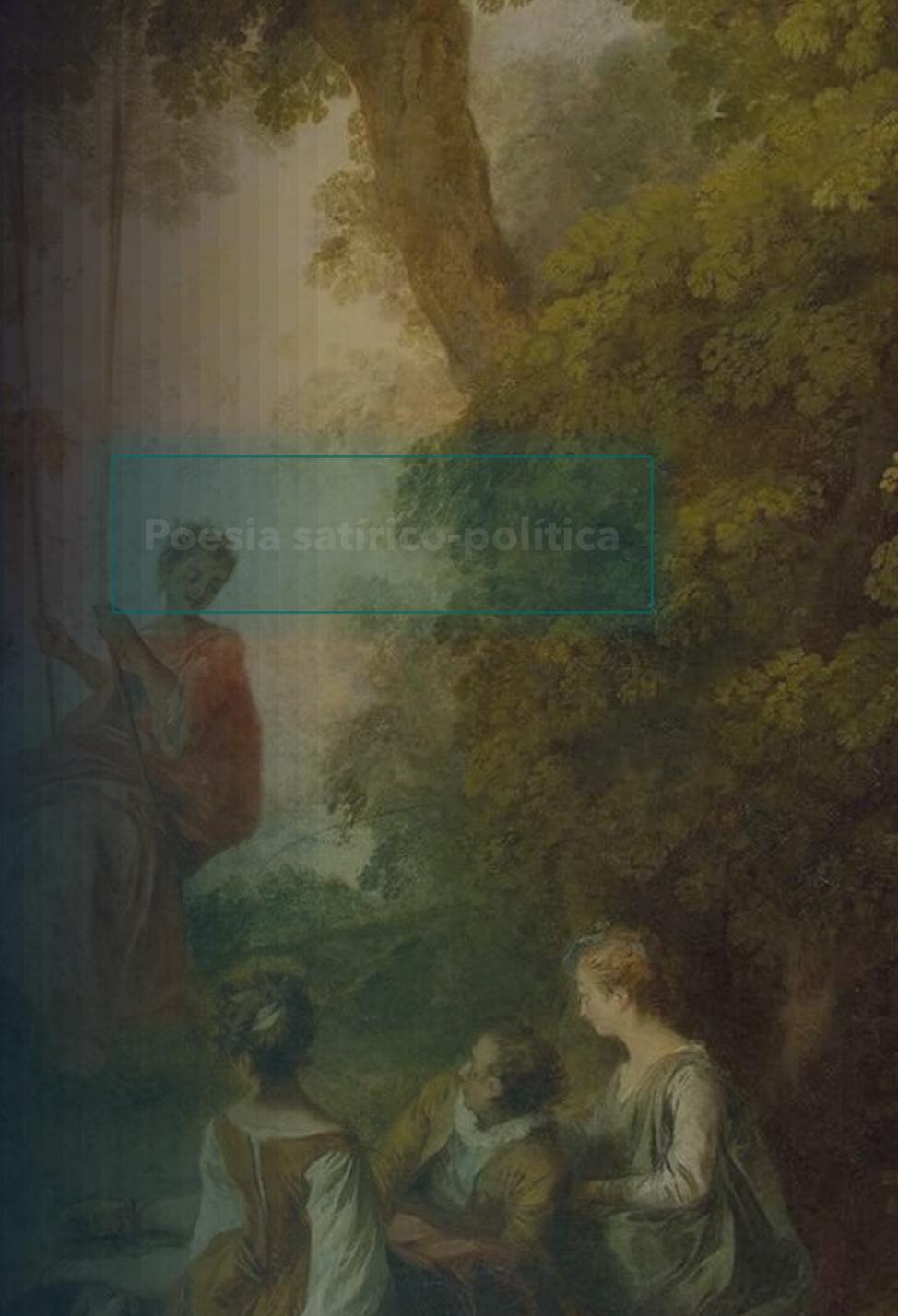
Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

- **Obras poéticas**
(Glauceste Saturnio);
- **Marília de Dirceu**
(Dirceu);
- **Glaura**
(Alcindo Palmireno).

Poesia épica

Poesia satírico-política



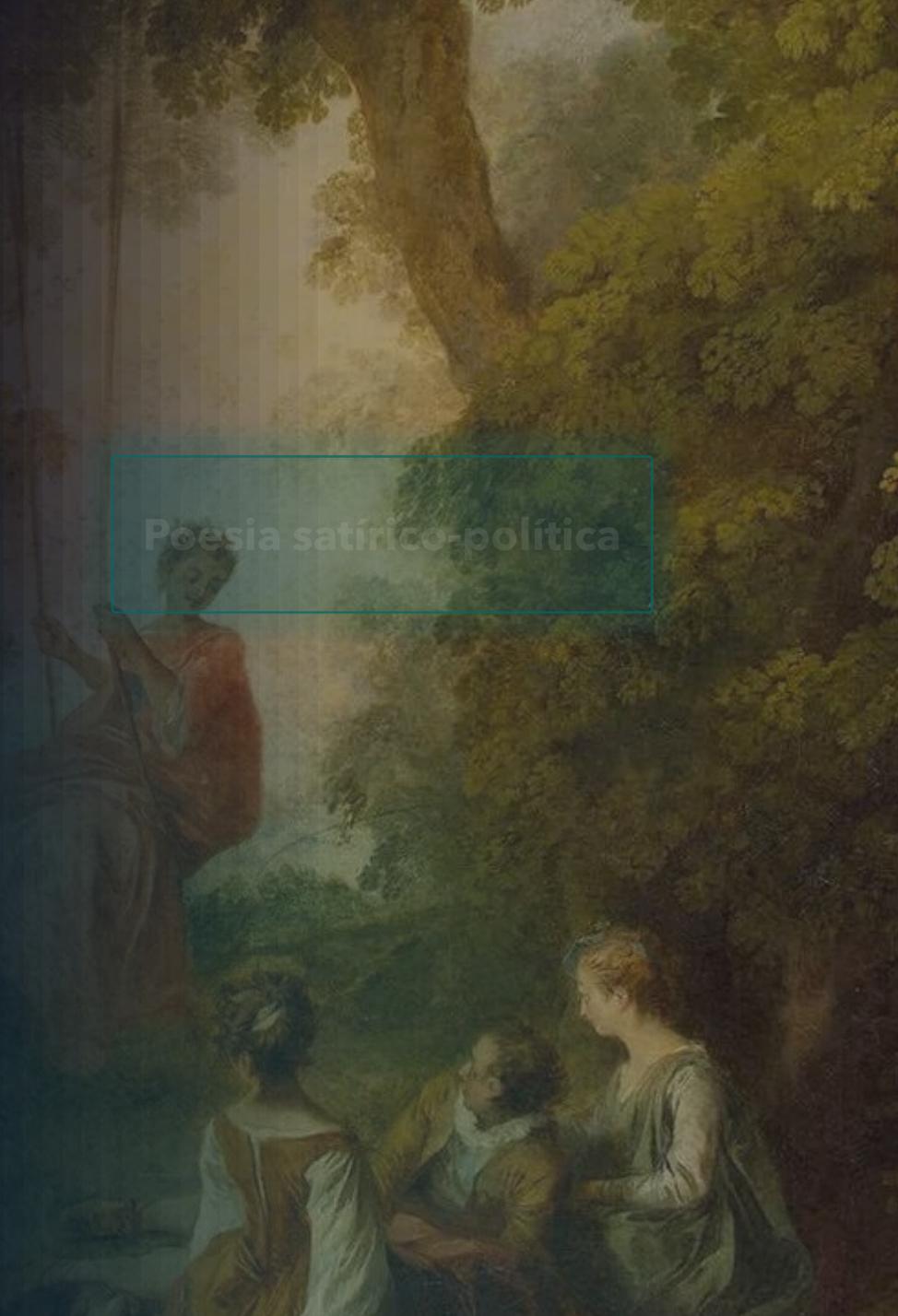
Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

Poesia satírico-política

- ***O Uruguai***
(Termino Sipílio);
- ***Caramuru***
(Santa Rita Durão).



Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

**Poesia
satírico-política**

- *Cartas chilenas*
(Critilo).

POESIA AMOROSA | PASTORIL

Cláudio Manuel da Costa

Pseudônimo: Glauceste Satúrnio



**Introduziu o
Arcadismo no Brasil
com uma poesia de
transição (sonetos)**

Barroco

VS

Arcadismo

Cláudio Manuel da Costa

Pseud.: Glauceste Satúrnio

Barroco

Esquiva da pastora Nise

Brevidade (inconstância) do amor

Desencanto com a vida

Antíteses, hipérbatos (quartetos)

Arcadismo

Pseudônimos

Bucolismo

Pastoralismo

SVO (tercetos)



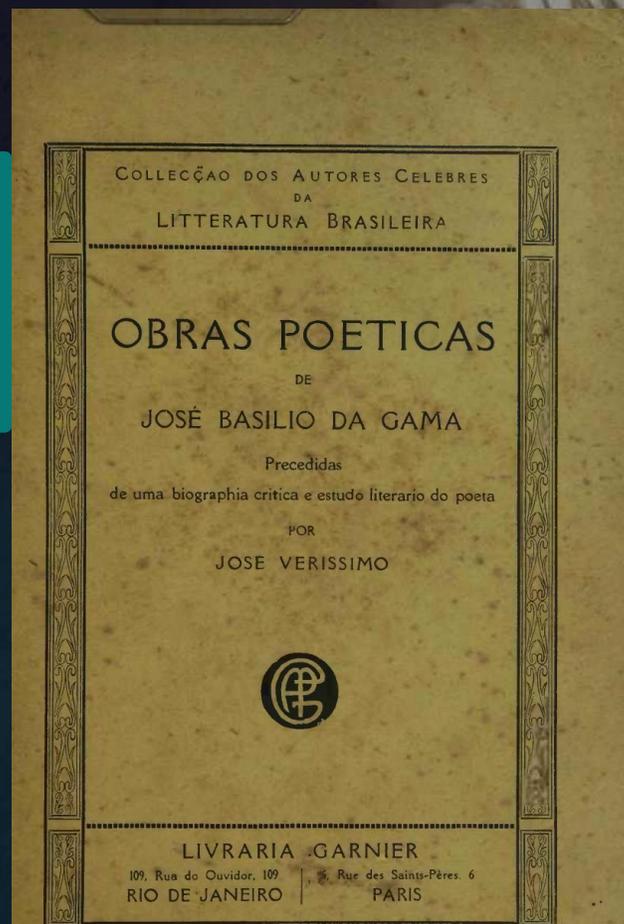
POESIA AMOROSA | PASTORIL

Cláudio Manuel da Costa

Pseud.: Glauceste Satúrnio

DESTAQUE

Obras poéticas (1768)



Nativismo

valorização da cor local
(penedos, penhas, montanhas,
montes, e o Ribeirão do Carmo,
o Pátrio Rio)



POESIA ÉPICA

Cláudio Manuel da Costa

Pseudônimo: Glauceste Satúrnio

OBRA MENOR

***Vila Rica* (1773, epopeia
publicada em 1839)**

Epopeia acerca da Inconfidência Mineira e a colonização de Minas Gerais pelos bandeirantes paulistas, tratando das lutas, do confronto com os índios, da descoberta das riquezas minerais e, por fim, da fundação da Vila Rica de Ouro Preto por parte do governador Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, no início do séc. XVIII.

O poema é estruturado em 10 cantos de versos decassílabos rimados de forma variada e estrofação livre.

SONETO XIII

“Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nise, cuido, que diz; mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vós

[se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
Ah como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? Onde estás? Aonde? Aonde?”



SONETO LXII

"Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a por nestes oiteiros;
Onde um tempo os gabões deixei
[grosseiros
Pelo traje da Corte rico, e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia,
Que da cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;
E o que até agora se tornava em pranto,
Se converta em afetos de alegria."



SONETO XCVIII

"Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh quem cuidara,
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigre, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o
[dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura."



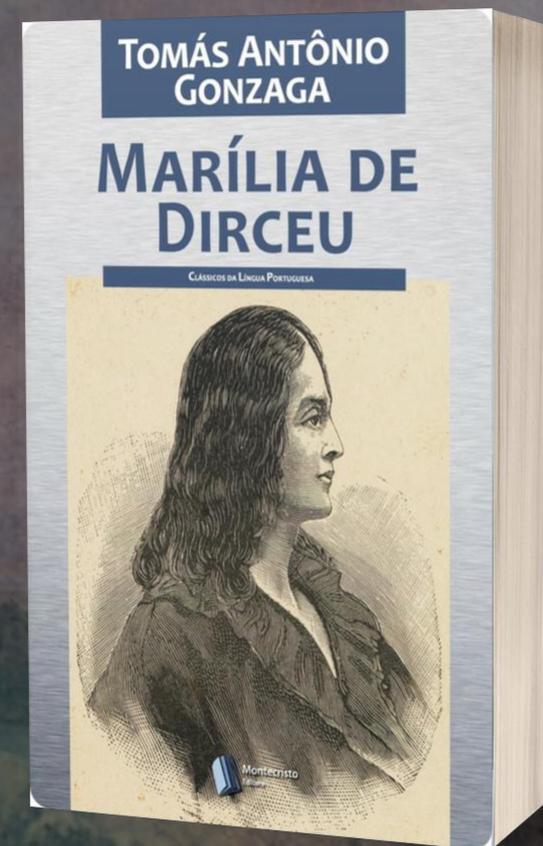
Tomás Antônio Gonzaga

Pseudônimo: Dirceu

DESTAQUE

Marília de Dirceu

Obra composta de 3 partes



PARTE I - 1792

Marília de Dirceu

Teor autobiográfico

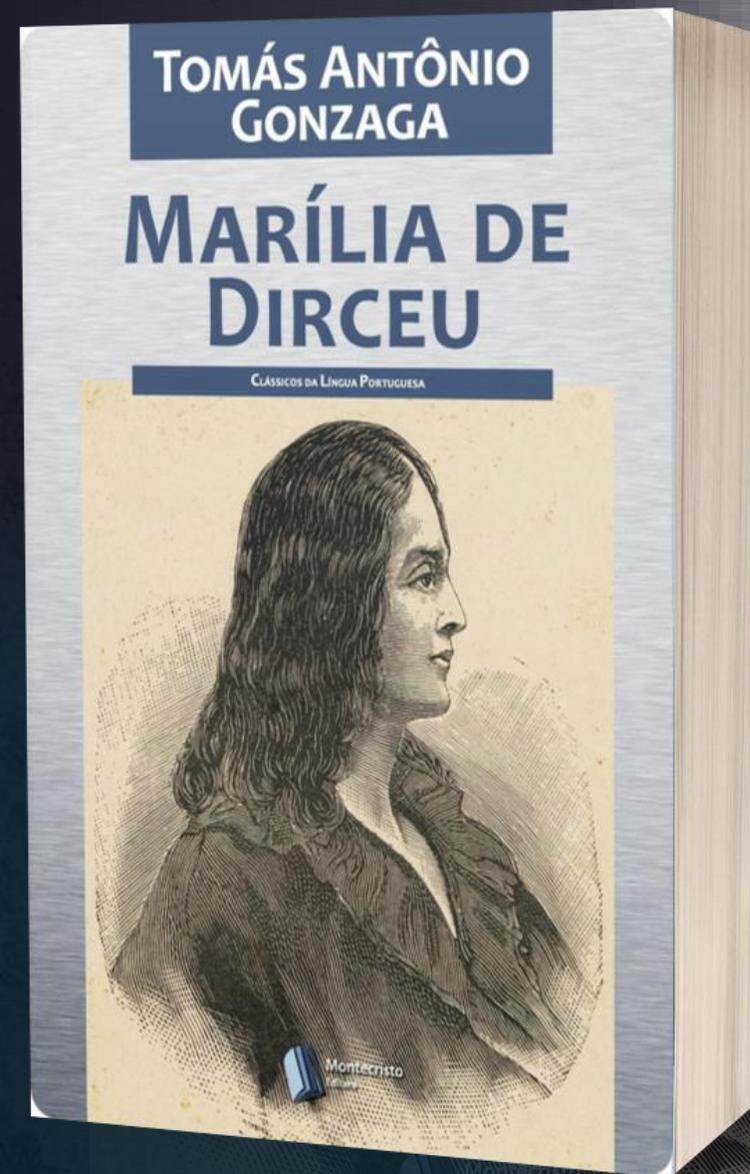
(liras escritas em Vila Rica à época do namoro)

Cor local ligada
ao ciclo do ouro

Estrutura de
diálogo monologado

Odes à Marília

Grande
convencionalismo árcade



LIRA I

"Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal*, e nele assisto*;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfonia,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Vocabulário:

Casal: sítio;

Assisto: trabalho.



LIRA I

Mas tendo tantos dotes da ventura*,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula*, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos* vapora.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela! [...]"

Vocabulário:

Ventura: destino, sorte;

Papoula: flor que pode ser branca, rosa, arroxeadada ou vermelha. No caso, Gonzaga sugere ser vermelha, de modo a metaforizar a vergonha que a pastora sente ao ser cortejada;

Bálsamo: perfume ou aroma agradável. No sentido figurado, denota sensação de alívio; conforto, lenitivo.



LIRA XXII

"Tu não habitarás palácios grandes,
Nem andarás no coches voadores*;
Porém terás um Vate*, que te preze,
Que cante os teus louvores.
O tempo não respeita a formosura;
E da pálida morte a mão tirana
Arrasa os edifícios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana*.
Que belezas, Marília, floresceram,
De quem nem sequer temos a memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a história. [...]"

Vocabulário:

Coches voadores: carruagens
rápidas;

Vate: poeta ou profeta, vidente;

Vil choupana: casa simples.



PARTE II - 1799

Marília de Dirceu



**Liras escritas na prisão da
Ilha das Cobras (RJ)**

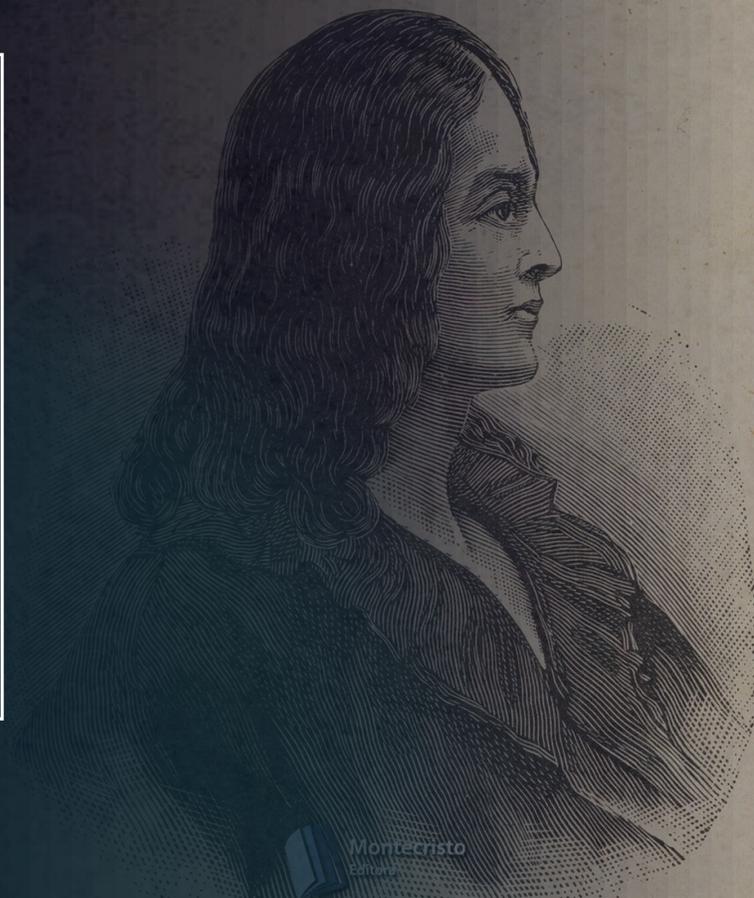


**Cor local política e
econômica de Minas
Gerais do final do séc.
XVIII: Inconfidência Mineira**

TOMÁS ANTÔNIO
GONZAGA

MARÍLIA DE DIRCEU

CLÁSSICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA



PARTE II - 1799

Marília de Dirceu



Sentimento de inconformismo do sujeito lírico:

Se diz injustiçado, embora mostre momentos de esperança

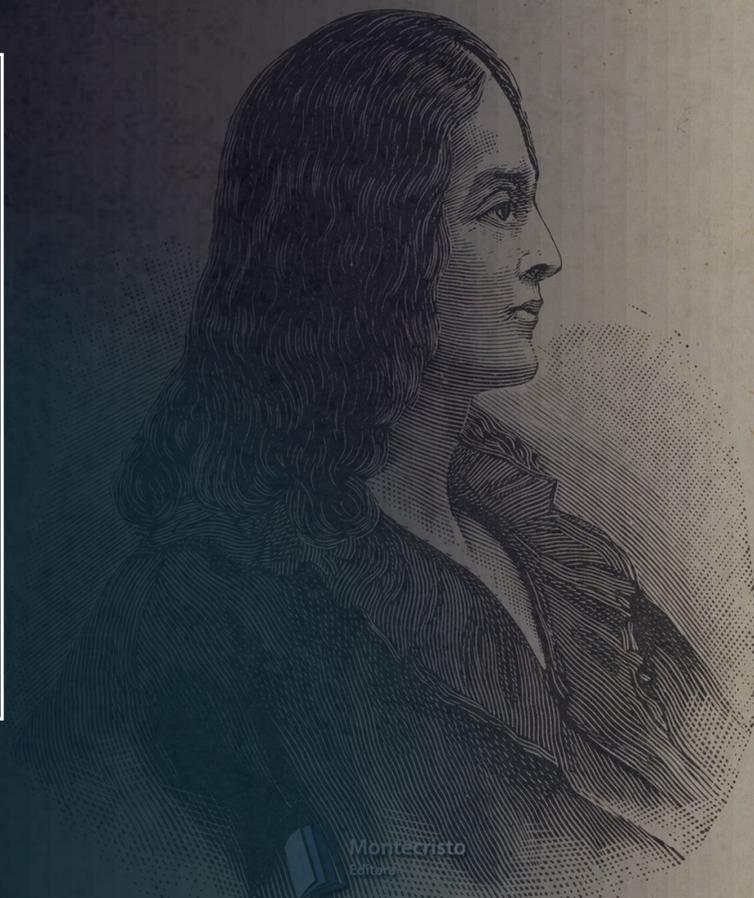


Tom desesperançado, soturno e sombrio

TOMÁS ANTÔNIO
GONZAGA

MARÍLIA DE DIRCEU

CLÁSSICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA



Montecristo
Editores

PARTE II - 1799

Marília de Dirceu



**Poesia confessional e de
tonalidades intimistas:**

Pré-Romantismo

TOMÁS ANTÔNIO
GONZAGA

MARÍLIA DE DIRCEU

CLÁSSICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA



Montecristo
Editores

Lira XV

“Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça* do preciso cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor* rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo. [...]

Vocabulário:

Choça: casa simples, choupana;

Mor: maior.



Lira XXXIII

"Olhos baços*, e sumidos,
Macilento*, e descarnado,
Barba crescida, e hirsuta*,
Cabelo desgrenhado;
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marília, como vive
Um réu de Majestade.
Venha o processo, venha;
Na inocência me fundo:
Mas não morreram outros,
Que davam honra ao mundo!
O tormento, minha alma, não recuses:
A quem sábio cumpriu as leis sagradas
Servem de sólio* as cruzes. [...]"

Vocabulário:

Baço: sem brilho, doentio;

Macilento: abatido, descorado,
pálido;

Hirsuta: crescida em desalinho, dura
e arrepiada;

Sólio: assento real.



PARTE III - 1812

Marília de Dirceu



Versos da
juventude do
poeta



Variedade temática
e formal:
odes, sonetos, liras

TOMÁS ANTÔNIO
GONZAGA

MARÍLIA DE DIRCEU

CLÁSSICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA



Montecristo
Editores

LIRA III

“Tu não verás, Marília, cem cativos*
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes* de ouro
No fundo da bateia*.

Vocabulário:

Cativo: escravo;

Granete: filete;

Bateia: tipo de bacia típica
para garimpar ouro.



LIRA III

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras* ainda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar o grão nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes* de enredados feitos*;
Ver-me-ás folhear os grandes livros
E decidir os pleitos*.

Enquanto revolver os meus consultos*
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fatos da sábia mestra História,
E os cantos da poesia [...]"

Vocabulário:

Capoeira: zona de mata fechada;

Altos volumes: autos dos processos judiciais, livros;

Enredados feitos: processos judiciais complexos;

Pleito: demanda, litígio;

Consultos: autos dos processos judiciais, livros.

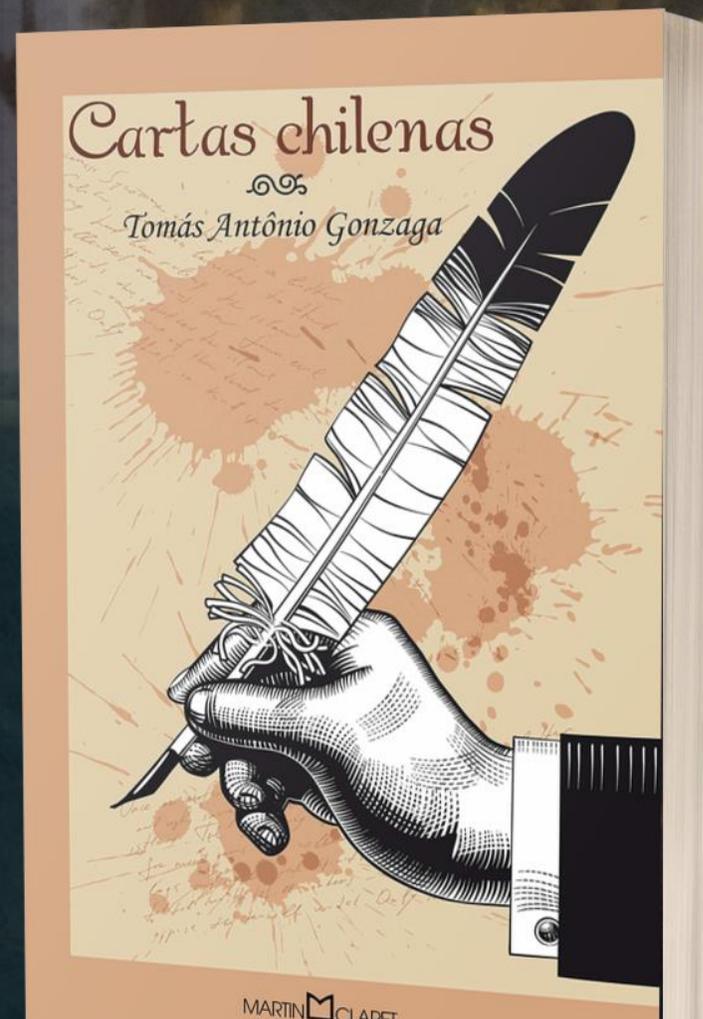


POESIA SATÍRICO-POLÍTICA

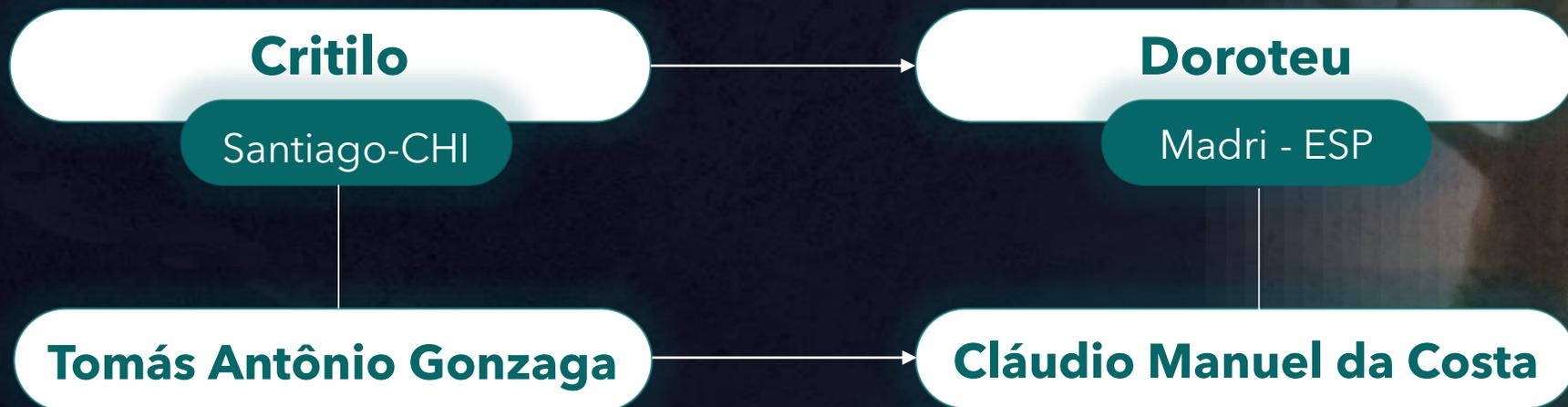
Tomás Antônio Gonzaga



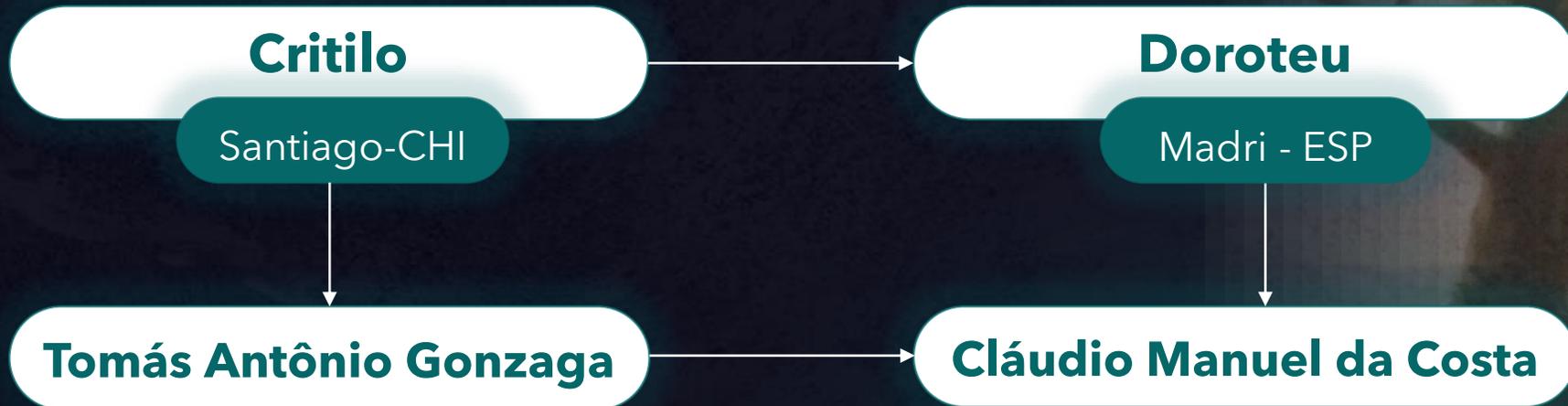
*Cartas
chilenas*
(1783-1788)



Tomás Antônio Gonzaga



Tomás Antônio Gonzaga



Tomás Antônio Gonzaga

Chile

Santiago-CHI

Portugal

Madri - ESP

Tomás Antônio Gonzaga

Claudio Manuel da Costa

**Crítica Fanfarrão Minésio
por sua tirania
e velhacaria**



Luís da Cunha Meneses
(Gov. de Vila Rica-MG)

Cartas Chilenas
(Carta 1ª.)

*Em que se descreve a entrada que fez
Fanfarrão em Chile*

Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha,
Acorda, se ouvir queres coisas raras.

"Que coisas, (tu dirás), que coisas podes
Contar que valham tanto, quanto vale
Dormir a noite fria em mole cama,
Quando salta a saraiva nos telhados
E quando o sudoeste e outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?"

(...)

Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
Por verdadeira história uma novela
Da classe das patranhas, que nos contam
Verbosos navegantes, que já deram
Ao globo deste mundo volta inteira.
Uma velha madrasta me persiga,
Uma mulher zelosa me atormente
E tenha um bando de gatunos filhos,
Que um chavo não me deixem, se este chefe
Não fez ainda mais do que eu refiro.
Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
Da sorte que o topei a vez primeira;
Nem esta digressão motiva tédio
Como aquelas que são dos fins alheias,
Que o gesto, mais o traje, nas pessoas
Faz o mesmo que fazem os letreiros
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
Que dão, do que eles tratam, boa ideia.

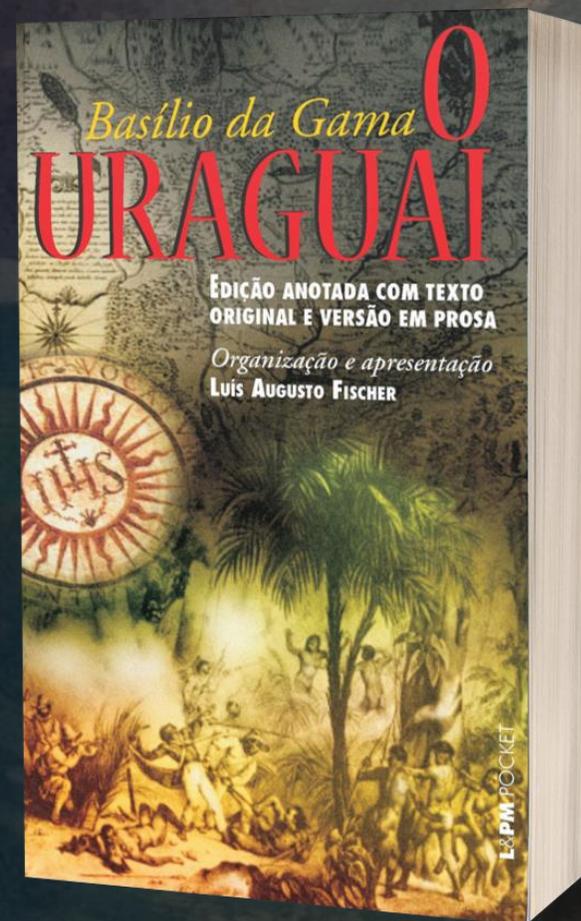


POESIA ÉPICA

Basílio da Gama



O Uruguai (1769)



POESIA ÉPICA

O Uruguai



Tema:

a tomada das Missões pelas tropas punitivas luso-espanholas chefiadas por Gomes Freire de Andrade (Gov. do RJ)



Caráter:

iluminista
(extremo antijesuitismo)



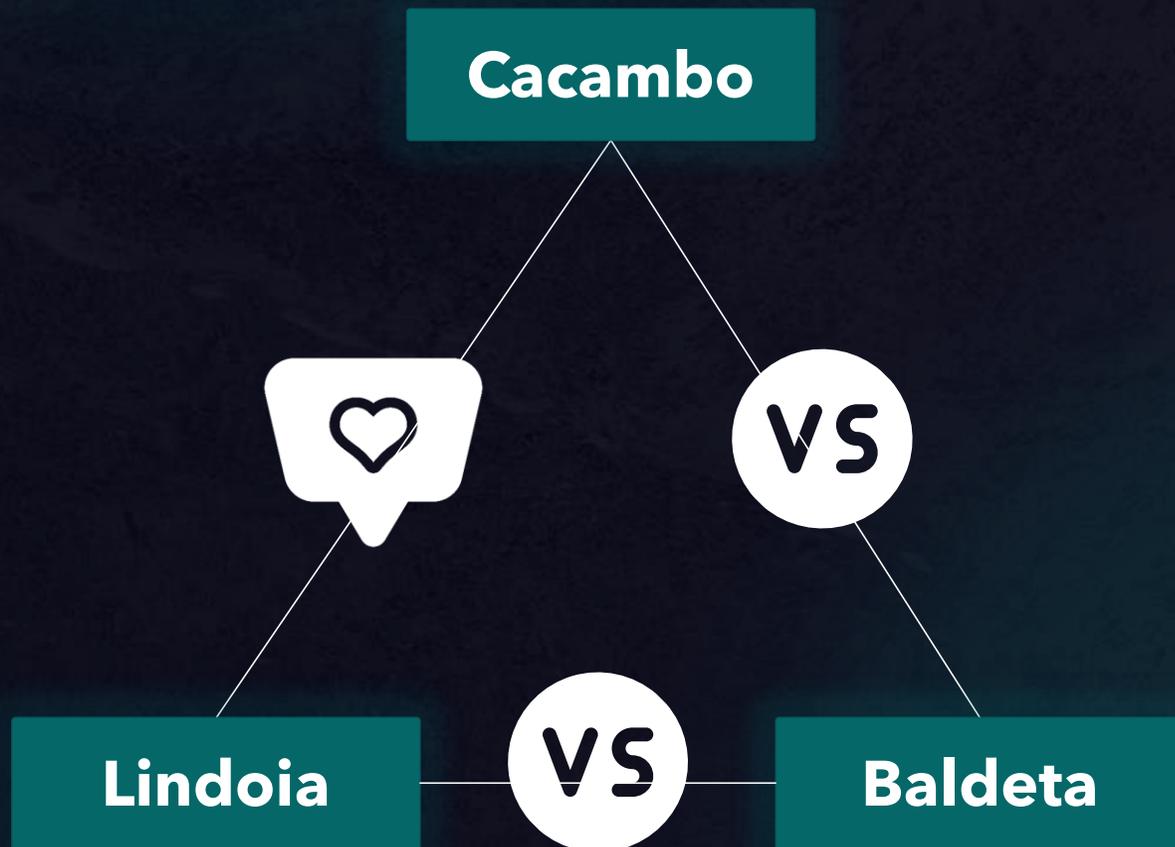
Objetivo:

louvar a intervenção política (iluminista) de Pombal

POESIA ÉPICA

O Uruguai

Principal episódio: A morte de Lindoia (lirismo)



Destaque: os índios
Cacambo e Sepé Tiaraju

Forma inovadora:
estrutura em 5 cantos de
estrofes únicas e versos
brancos

Portanto, NÃO segue
o molde camoniano

O Uruguai
(Trecho do Canto IV – Morte de Lindoia)

Entram enfim na mais remota e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este lugar delicioso, e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco

De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,



O Uruguai
(Trecho do Canto IV – Morte de Lindoia)

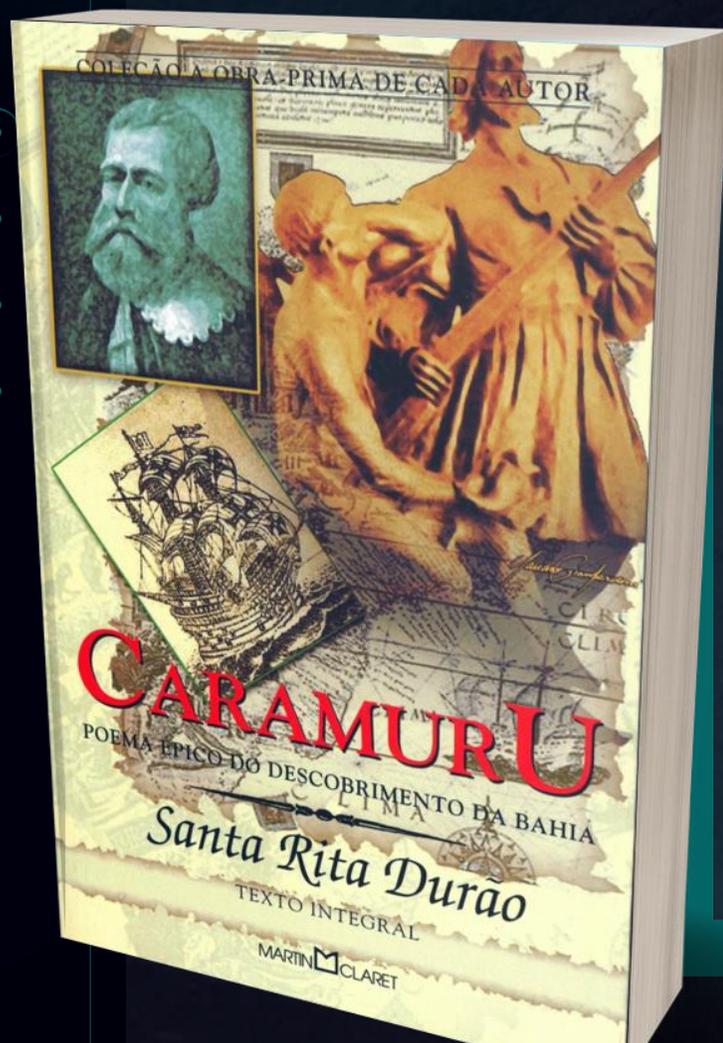
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutu, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco, e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindóia, e fere
A serpente na testa, e a boca, e os dentes
Deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.

Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
Cheios de morte; e muda aquela língua,
Que ao surdo vento, e aos ecos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
E rompe em profundíssimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trêmula gravado
O alheio crime, e a voluntária morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado, e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bela no seu rosto a morte!

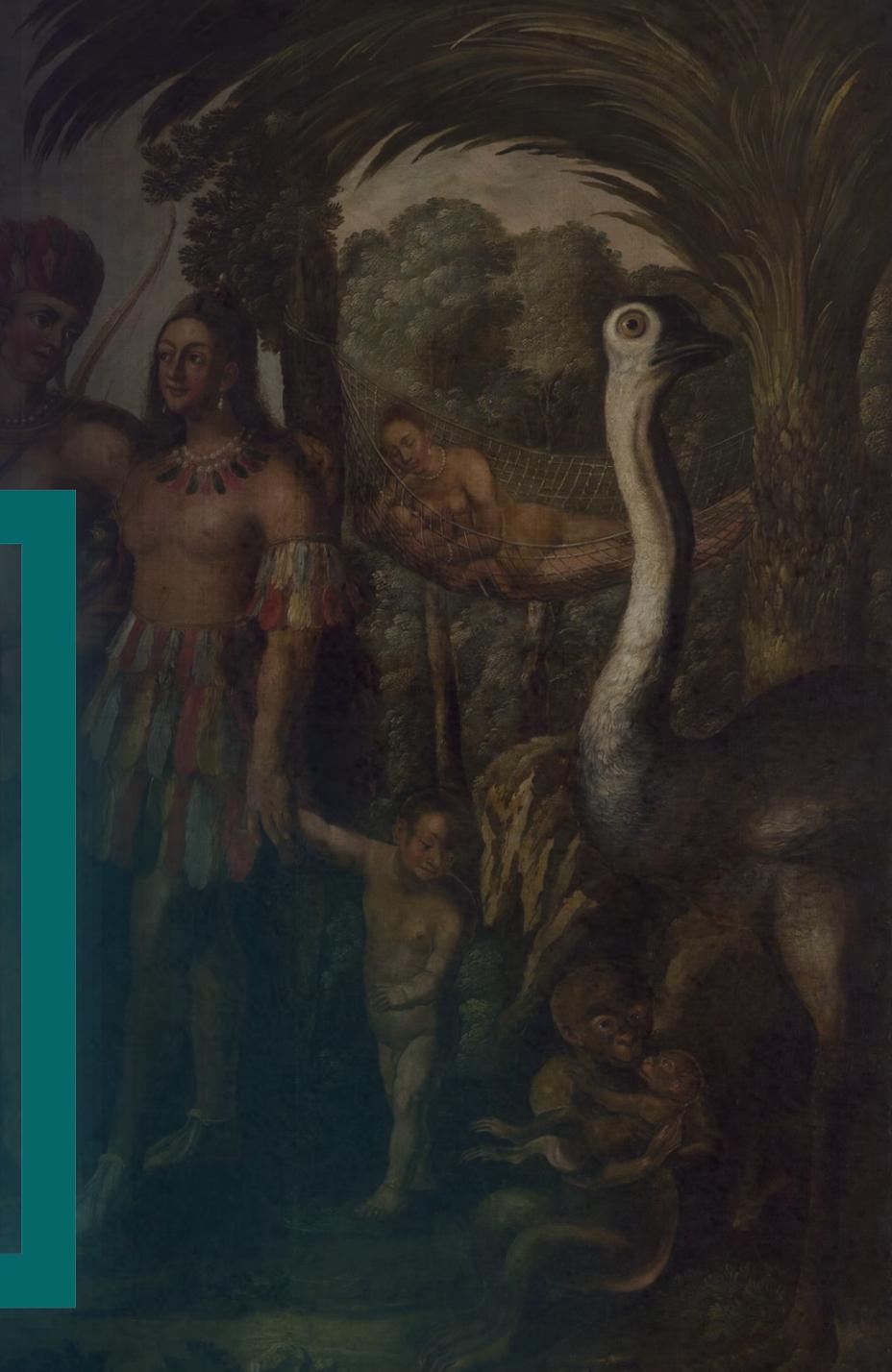


POESIA ÉPICA

Pe. Santa Rita Durão



Caramuru (1781)

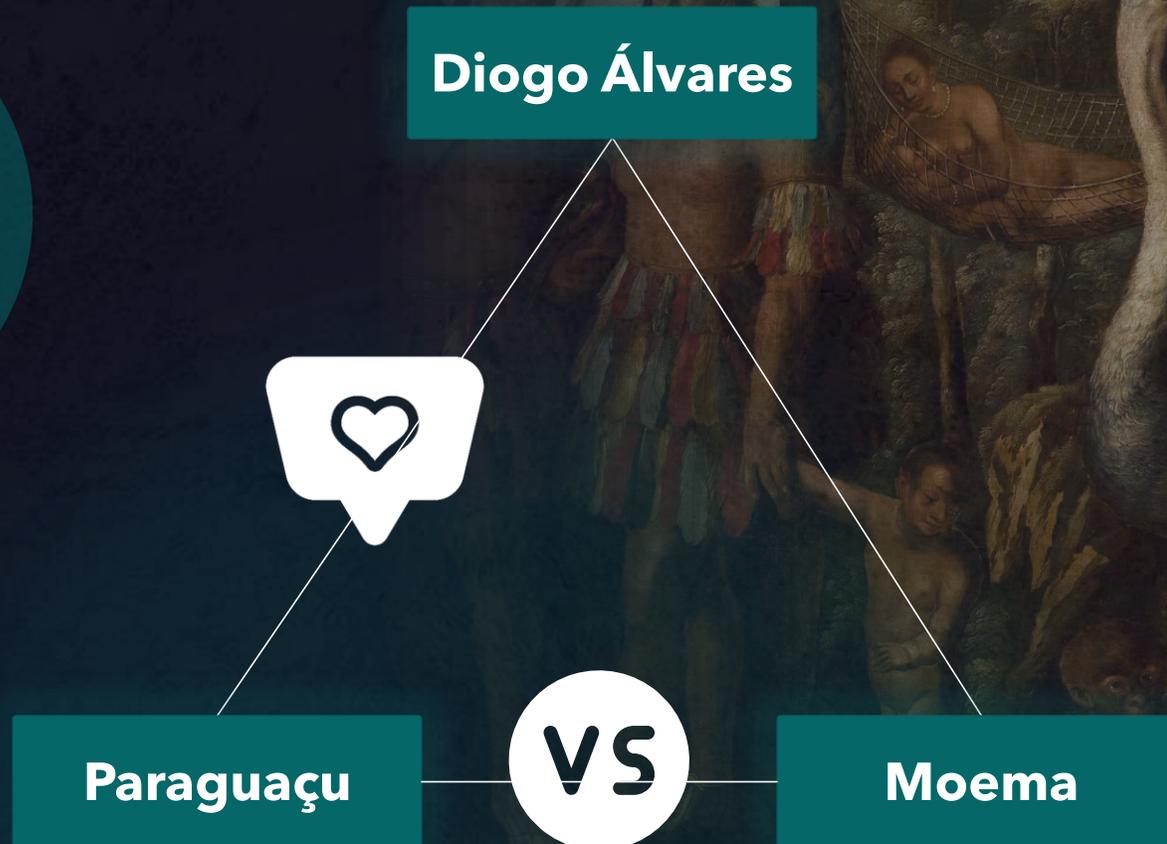


Caramuru



Tema:

a história da formação lendária da Bahia, após o naufrágio da nau do aventureiro português Diogo Álvares Correia



POESIA ÉPICA

Caramuru

Principal episódio: A morte de Moema (lirismo)



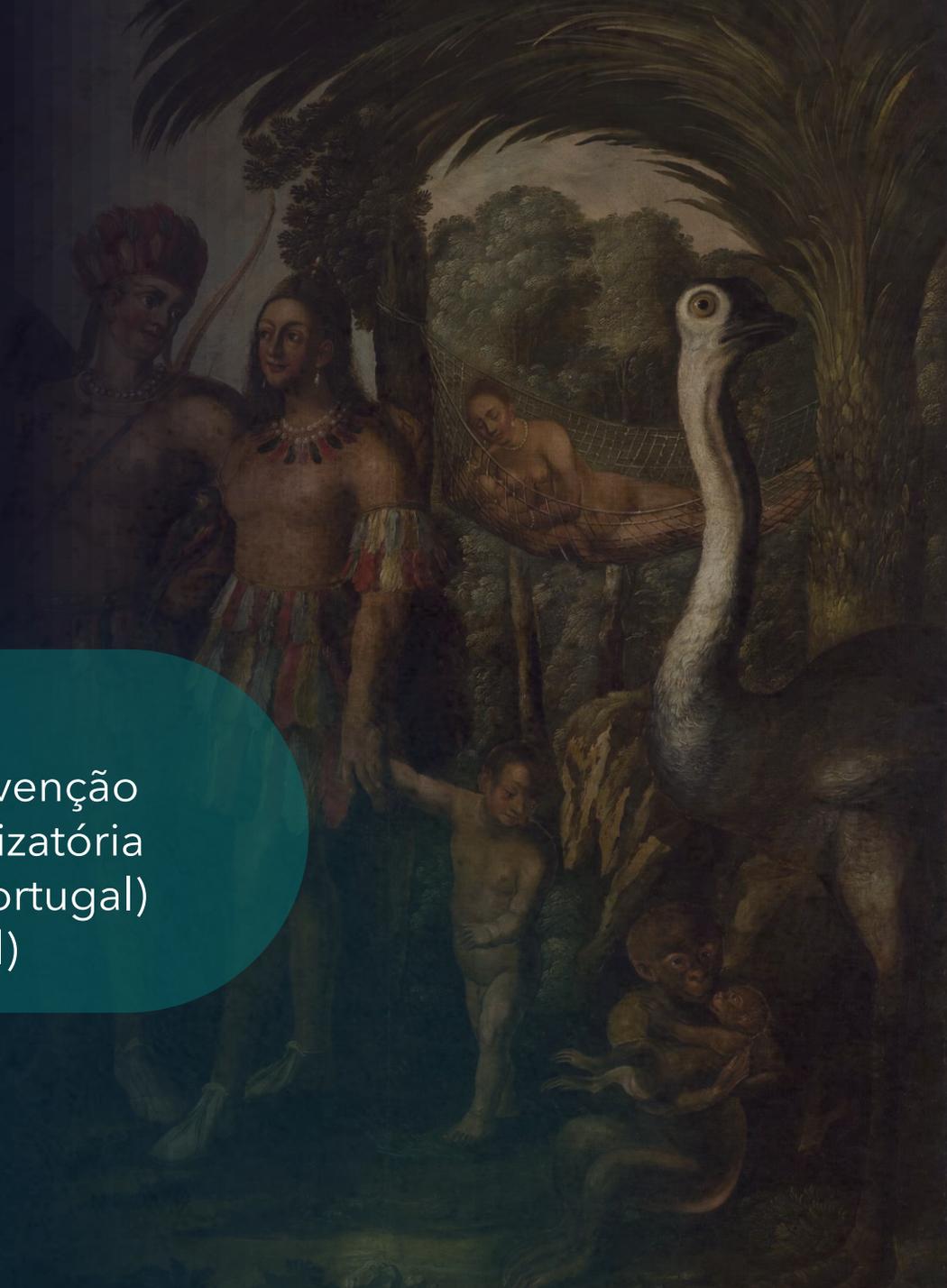
Caráter:

religioso (intenso
jesuitismo)



Objetivo:

enaltecer a intervenção
catequista e civilizatória
da metrópole (Portugal)
na colônia (Brasil)



POESIA ÉPICA

Caramuru

Principal episódio: A morte de Moema (lirismo)

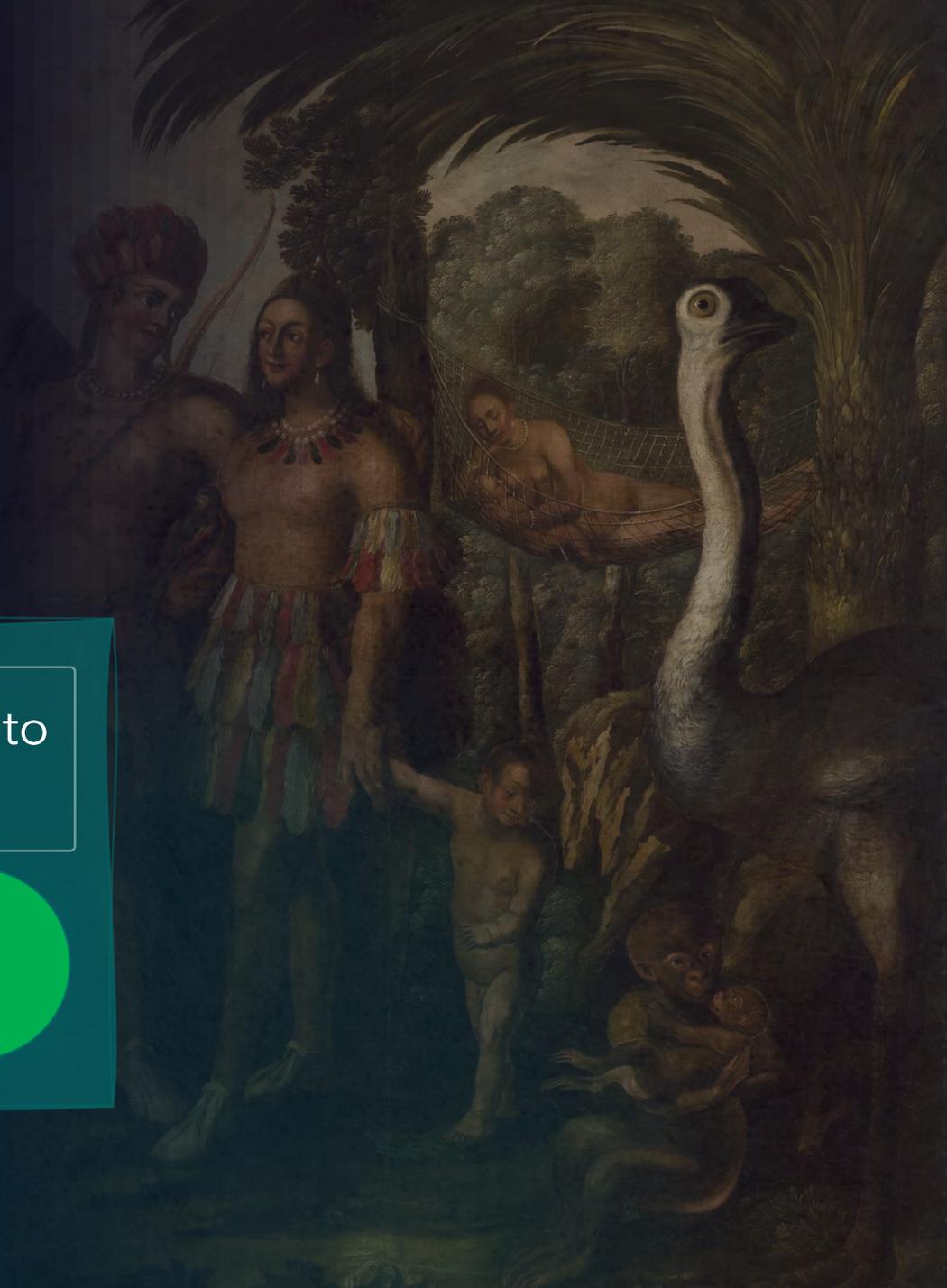


Destaque:

o nativismo (louvor à flora e fauna da colônia)

Forma: SEGUE o exato molde camoniano

Estrutura em 10 cantos, versos decassílabos dispostos em 8ª rima



Caramuru
(Trecho da Morte de Moema)

XXXVI

É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ânsia furiosa
Nadando o Esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água, que flutua vaga,
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E ignorando a ocasião da estranha empresa,
Pasma da turba feminil, que nada.
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela, do que irada;

Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

“Bárbaro (a bela diz:) tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que breme,
Acha forças amor, que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mas pagar tanto amor com tédio, e asco...
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco!.



Caramuru

(Trecho da Morte de Moema)

(...)

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que, irado, freme,
Tornando a aparecer desde o profundo,
– Ah Diogo cruel! – disse com mágoa,-
E sem mais vista ser, sorveu-se na água.

XLIII

Choraram da Bahia as ninfas belas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam delas,
À branca praia com furor tornavam:
Nem pode o claro herói sem pena vê-las,
Com tantas provas, que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que amante a chore, ou grato gema.

